**SUJEITO: SUJEITO\_7**

**CURSO: PEDAGOGIA**

**SEXO: HOMEM**

**ANO: ÚLTIMO**

**CIDADE: LONDRINA**

**Entrevistadora**: Beleza. É … você pode me falar o seu nome completo, sua idade e o ano que você está do curso?

**Entrevistado**: Meu nome é XXXXXX e eu tô no úl[tʃɪ]mo semestre de pedagogia, oitavo semestre.

**Entrevistadora**: E o que você acha do curso de Pedagogia?

**Entrevistado**: Assim, eu acho que a minha leitura é bem [dʒɪ]screpan… [dʒɪ]ssonan[tʃɪ] em relação ao pessoal da minha tu[ɹ(n)]ma, po[ɹ(n)]que eu sou um aluno mais velho. E o meu, minha, o meu cu[ɹ(n)]so é um cu[ɹ(n)]so majoritariamen[tʃɪ] feminino, né? Então estou bem fora da cu[ɹ(n)]va, sim. Então… e é um público [dʒɪ] menina[s] nova[∅s]. Então, assim, a visão que eu tenho é bem [dʒɪ]feren[tʃɪ] da delas, assim. Eu acho que, pra mim, é um cu[ɹ(n)]so muito impo[ɹ(n)]tan[tʃɪ], eu acho assim. Eu acho que todo mundo deveria faze[∅r(v)] pedagogia, tá ligado? É nesse nível. Eu falo isso po[ɹ(n)]que eu entrei na UEL também mais cedo e em Educação Física. Eu achava o cu[ɹ(n)]so muito teórico. E eu vejo que a[s] minha[∅s] amiga[∅s] agora, na tu[ɹ(n)]ma, elas também têm essa impressão que o cu[ɹ(n)]so é muito teórico e não tem tanta prá[tʃɪ]ca. Eu já vejo como algo mais equilibrado. Sim, entre essa relação [dʒɪ] teoria e prática que o cu[ɹ(n)]so oferece, mas sei que, assim, é mais, ela sai um pouco da, da visão do pessoal. Acho que seria algo assim.

**Entrevistadora**: Perfeito. E quais são as suas expectativas em relação ao curso, agora, que você está terminando?

**Entrevistado:** Bom, a primeira coisa é realmen[tʃɪ] te[ɹ(v)]mina[∅r(v)], deve falta[∅r(v)] algun[s] mese[∅s], né? Então ainda tem essa, essa ideia na cabeça, né? Que é o final, então não pode [dʒɪ]sis[tʃɪ][∅r(v)]. E, depois, também tenta[∅r(v)] atua[ɹ(v)] mais na área. Eu tenho pensado muito no mestrado agora também, como algo válido, assim, mas eu acho que isso daí também foi algo construído, po[ɹ(v)]que Educação Física eu comecei três veze[s], em nenhuma da[s] três veze[∅s] eu te[ɹ(v)]minei. E esse é a primeira vez que eu tô assim: nossa! Sou fo[ɹ(v)]ma[n∅dʊ] agora, sabe? Então é algo assim bem, bem legal. Então, agora, ul[tʃɪ]mamen[tʃɪ], eu tenho pensado na questão do mestrado. Eu trabalho mais ou menos na área, né? Eu trabalho na área da educação não fo[ɹ(n)]mal, então, tem relação com o cu[ɹ(n)]so. É… eu acho que… espero se[ɹ(v)] chamado logo nesse concu[ɹ(n)]so. Então, assim, eu prete[n∅dʊ] atua[ɹ(v)] muito, bastan[tʃɪ] assim na área, exe[ɹ(v)]ce[ɹ(v)] carreira acadêmica também. Então é uma área assim que eu me iden[tʃɪ]fiquei muito.

**Entrevistadora**: Perfeito. E por que você escolheu pedagogia?

**Entrevistado**: Uhum. Então, igual eu falei, eu comecei na Educação Física, que eu sou professo[∅r(n)] de Taekwondo. Eu trabalho com a Educação Infan[tʃɪ]l e o[s] Ano[∅s] Iniciai[∅s] do Fundamental. E muitas vezes as coo[ɹ(n)]denadora falava pra mim assim: “Ah! Você [tʃɪ]nha que se[ɹ(v)] professo[∅r(n)] [dʒɪ] sala, você [tʃɪ]nha que se[ɹ(v)] professo[∅r(n)] [dʒɪ] sala”. Aí, [tʃɪ]po assim, eu não botava fé, sabe. Mas assim, eu fui cada vez trabalha[n∅dʊ] mais com crianças e foi me nasce[n∅dʊ] assim um desejo [dʒɪ] entende[ɹ(v)] como que funciona as questões do [dʒɪ]senvolvimento. E como que eu, como professo[∅r(n)] [dʒɪ] taekwondo, poderia tá melhora[n∅dʊ] a[s] minha[s] açõe[∅s], a[s] minha[s] aula[∅s] pra potencializa[∅r(n)] o [dʒɪ]senvolvimento da[s] criança[∅s]. E aí foi que um [dʒɪ]a uma amiga minha pegou e falou assim: “Ah! Eu vou faze[ɹ(v)] o ves[tʃɪ]bula[∅r(n)] da UEL”. Ela já era fo[ɹ(v)]mada em história. Aí eu falei assim: “Ah, eu vou tenta[ɹ(v)] também”. Mas foi sem, [tʃɪ]po, expecta[tʃɪ]va nenhuma [dʒɪ] passa[ɹ(v)], nada [dʒɪ] entra[ɹ(v)], aí eu acabei entra[n∅dʊ] na quinta chamada, foi também mais ta[ɹ(n)][dʒɪ], assim. E, pra mim, foi uma virada [dʒɪ] chave, assim, acho que muito grande, assim, na minha vida… o cu[ɹ(n)]so.

**Entrevistadora**: Perfeito. E há quanto tempo você mora aqui em Londrina?

**Entrevistado**: Eu nunca morei fora.

**Entrevistadora**: Nasceu aqui?

**Entrevistado**: Sim.

**Entrevistadora**: Seus pais são daqui também?

**Entrevistado**: Também.

**Entrevistadora**: E você gosta de morar aqui?

**Entrevistado**: Então, eu, eu gostaria muito [dʒɪ] i[ɹ(v)] embora daqui. Eu não gosto muito da cida[dʒɪ] po[ɹ(n)] questões polí[tʃɪ]ca, predominância é uma outra visão polí[tʃɪ]ca então eu, eu gostaria [dʒɪ], [dʒɪ] i[ɹ(v)] embora mais po[ɹ(n)] esse fato[ɹ(v)], mas sim, né, que daí eu também tenho outra[s] questõe[∅s], né, daí, eu sou uma pessoa mais… eu não saio tanto então pra mim é mais tranquilo, sabe, não afeta muito essa rotina, sabe? Ainda mais isso.

**Entrevistadora**: E pra qual outra cidade você teria assim vontade de morar?

**Entrevistado**: Então… Jericoacoara é uma da[s] cida[dʒɪ][∅s] em que, que eu sempre pensei, assim, nossa, eu queria i[ɹ(v)], tanto é que, daí, [tʃɪ]po assim, quando eu pensei em faze[ɹ(v)] em pedagogia eu falei assim, nossa, e aí eu lembro [dʒɪ] te[ɹ(v)] visto uma repo[ɹ(n)]tagem fala[n∅dʊ] que lá [tʃɪ]nha a melho[ɹ(n)] escola pública do, do Brasil, nossa, eu queria ir lá trabalha[∅r(v)] nessa escola. Então um lugar que queria mora[∅r(v)] muito era lá, sabe?

**Entrevistadora**: Perfeito. E você costuma viajar bastante?

**Entrevistado**: Já teve uma época da minha vida que eu viajava mais, mas era pra trabalho também. Hoje em [dʒɪ]a, bem raro viaja[∅r(v)], muito raro mesmo.

**Entrevistadora**: Entendi. E você falou que você é professor de taekwondo, você falou que trabalha, né? Que tem a questão da educação não formal, né? Além disso, além de tudo isso, né? Você tem alguma outra ocupação, trabalho, estágio, fora isso que você já falou ou é isso mesmo?

**Entrevistado**: Eu faço recreação [dʒɪ] festa infan[tʃɪ]l também ao[s] finai[∅s] [dʒɪ] semana, então, igual eu falei, a[s] criança[∅s] são bem presen[tʃɪ][∅s] assim na minha vida, então, eu [dʒɪ]senvolvi uma relação assim bem legal com ela[s], e aí eu vejo assim que né é bem aquela coisa assim, aí você puxa o fio pra um lado você pe[ɹ(v)][dʒɪ] [dʒɪ] outro po[ɹ(n)]que do mesmo jeito que eu acho assim que eu tenho uma relação muito boa com criança, eu tenho uma relação muito ruim com o adulto, então essa questão da interação social com adulto eu tenho muita dificulda[dʒɪ]. Além da recreação, eu tenho, tô faze[n∅dʊ] estágio também, né? Já tenho um estágio que começou no semestre passado e vai te[ɹ(v)] outro estágio que vai começa[∅r(v)] agora nesse semestre também e é mais essa[s] a[s] minha[∅s] ativida[dʒɪ][∅s] no momento.

**Entrevistadora**: Perfeito.

**Entrevistado**: Ah, não, espera… e tem o grupo de pesquisa que eu pa[ɹ(v)][tʃɪ]cipo, é verda[dʒɪ], eu não posso esquece[∅r(v)] [dʒɪ]sso. Que é ao[s] sábado[∅s] [dʒɪ] manhã, eu também pa[ɹ(v)][tʃɪ]cipo do grupo [dʒɪ] pesquisa também, que foi o que me ajudou a faze[∅r(v)] meu TCC e tal, iniciação cien[tʃɪ]fica. Então po[ɹ(n)] isso também eu resolvi ajuda[∅r(v)] po[ɹ(n)]que eu sei da impo[ɹ(n)]tância da pesquisa então e quanto que é [dʒɪ]fícil obte[ɹ(v)] amostra, né.

**Entrevistadora**: E teve alguém que te influenciou a fazer o curso de pedagogia? Pai? Mãe?

**Entrevistado**: Então, como eu falei, foram a[s] coo[ɹ(n)]denadora[∅s], né, da escola? Assim, po[ɹ(n)]que, [tʃɪ]po assim, na família. Se continua[∅r(v)] estuda[n∅dʊ], tá bom? OK, ótimo. Entrei em educação física, legal, bacana, mas nunca teve um apoio assim, então quem me incen[tʃɪ]vava mais mesmo foi, foram essa[s] pessoa[∅s], assim, a[s] coo[ɹ(n)]denadora[∅s] pedagógica[∅s].

**Entrevistadora**: E falando mais sobre o curso, dentro do curso, você já passou por alguma situação? É meio desconfortável que tenha te marcado negativamente, seja de interação com colegas, seja de interação com professores.

**Entrevistado**: Eu acho que é mais fácil interação com o[s] professore[∅s], igual eu falei, eu sou um aluno mais velho, então, eu acho que, assim, muita[s] veze[∅s] a minha opinião acaba se[n∅dʊ] mais [dʒɪ]stan[tʃɪ] da tu[ɹ(n)]ma. E então eu vejo… Eu sinto uma necessida[dʒɪ] muito gran[dʒɪ] [dʒɪ] fala[ɹ(v)] a[s] coisa[∅s] e, [tʃɪ]po assim, ele[s], depois que, que lidem com a[s] coisa[∅s], então, a gen[tʃɪ] teve semestre passado uma situação muito [dʒɪ]sconfo[ɹ(n)]tável com uma professora que ela tava mete[n∅dʊ] atestado em cima. É que, assim, a gen[tʃɪ] teve uma outra situação no sexto semestre que a gen[tʃɪ] teve um professo[ɹ(n)] que estava doen[tʃɪ], [dʒɪ] fato. E aí a gen[tʃɪ] basicamen[tʃɪ] não teve a aula da [dʒɪ]sciplina. E a gen[tʃɪ] tem na nossa grade a PCC, que é a prá[tʃɪ]ca como componen[tʃɪ] curricula[ɹ(n)], que é uma matéria inter[dʒɪ]sciplina[∅r(n)]. Como nós não [tʃɪ]vemos aula dessa [dʒɪ]sciplina, esse trabalho ficou preju[dʒɪ]cado e aí no outro semestre, no sé[tʃɪ]mo semestre, semestre passado, a gen[tʃɪ] começou o semestre, uma professora começou da[ɹ(v)] atestado na gen[tʃɪ], e aí, beleza? Daí nisso eu comecei a fala[ɹ(v)] com com meu[s], com minha[s] colega[∅s] [dʒɪ] turma e tal, e conve[ɹ(v)]sa[∅r(v)] com o colegiado. Escuta professo[ɹ(n)], escuta outro[s] aluno[∅s] também, né? E aí a gen[tʃɪ] descobriu que era uma situação recorren[tʃɪ] da professora, que ela fazia isso, então, a gen[tʃɪ] resolveu protocola[∅r(v)] a[s] coisa[∅s] para te[ɹ(v)] documento fo[ɹ(v)]malizado que a gen[tʃɪ], [tʃɪ]po assim, não queria se[ɹ(v)] preju[dʒɪ]cado do mesmo jeito. E é isso, daí, [tʃɪ]po assim, acabou que no final do semestre, novembro assim, daí foi que a professora ficou sabe[n∅dʊ] do[s] protocolo[∅s] que a gen[tʃɪ] [tʃɪ]nha feito. Ela chegou na sala bota[n∅dʊ] pressão, fala[n∅dʊ] que ia processa[∅r(v)] quem fez e falou um mon[tʃɪ] [dʒɪ] coisa. E aí a sala já toda, né? Daí a gen[tʃɪ] para pra pensa[ɹ(v)] a[s] questõe[∅s] [dʒɪ] pode[ɹ(n)], né? Então, qual, quem tem mais pode[ɹ(n)], um aluno ou um professo[∅r(n)] que está conduzi[n∅dʊ] uma [dʒɪ]scussão? E aí a professora já chegou, né? Traze[n∅dʊ] o[s] a[ɹ(n)]gumento[∅s] dela me ce[ɹ(v)]cea[n∅dʊ] e aí a sala já ficou do lado dela e aí ficou uma situação, assim, completamen[tʃɪ]… só que eu estava bem tranquilo, po[ɹ(n)]que, assim, eu [tʃɪ]nha muita ce[ɹ(n)]teza que eu estava faze[n∅dʊ] era o ce[ɹ(n)]to, entendeu? Então vou, fiquei tranquilo. Fiz o que eu achava da minha pa[ɹ(n)][tʃɪ], assim. Não é? É… em relação a se[ɹ(v)]… tá bom. Você está fala[n∅dʊ] que tem que se retrata[∅r(v)]. Tudo bem, eu peço, faço uma retratação. Eu fiz e tal, mas, enfim, acabou que que essa daí acho que foi a situação, assim mais grave, que, que ma[ɹ(v)]cou, sabe?

**Entrevistadora**: Sim, não. E é complicado, mesmo que a gente quer exigir os nossos direitos como estudante… bem tenso. Acontece isso, né?

**Entrevistado**: Exatamen[tʃɪ], não. O pio[ɹ(n)] não foi isso. O pio[ɹ(n)] foi que [tʃɪ]po assim, né? E eu nem sou representan[tʃɪ] [dʒɪ] turma, mas às vezes eu fico nessa liderança, assim, e aí, beleza, eu vou na fren[tʃɪ] da sala, eu começo a conve[ɹ(v)]sa[∅r(v)] com todo mundo, beleza, e aí, [tʃɪ]po assim, como é algo mais denso aí que a gen[tʃɪ] precisa escuta[∅r(v)], a gen[tʃɪ] precisa ouvi[ɹ(v)], a gen[tʃɪ] precisa, precisa pensa[ɹ(v)], acaba se[n∅dʊ] algo demorado também. E no meio desse[s] [dʒɪ]álogo[∅s], dessa[s] troca[∅s], tem algun[s] grupo[∅s] que saem e aí esse[s] grupo[∅s] que saem depois ele[s] voltam e falam assim: ah, mas eu não pa[ɹ(v)][tʃɪ]cipei dessa decisão, sabe? E isso que, que eu acho que atrapalha o fluxo do negócio, sabe.

**Entrevistadora**: É complicado. Mas falando agora do completo oposto, uma situação feliz que te marcou positivamente no curso.

**Entrevistado**: Eu acho que teve vária[s]. Eu acho que uma das que ma[ɹ(v)]cou assim, acho que [dʒɪ] fo[ɹ(n)]ma mais posi[tʃɪ]va foi… Foi quando eu conheci uma professora, professora de XXXXX. Que foi assim, é algo assim meio bobo, assim, mas para… me ma[ɹ(v)]cou muito, po[ɹ(n)]que eu falei assim, nossa, é aqui que eu tenho que esta[ɹ(v)] mesmo. Que como eu entrei na quinta chamada, eu [tʃɪ]nha compromisso [dʒɪ] manhã, eu dava aula [dʒɪ] manhã, então eu precisava sai[ɹ(v)] do luga[∅r(n)] que eu estava para pode[ɹ(v)] frequenta[∅r(v)] a[s] aula[∅s] no[s] [dʒɪ]a[∅s] no[ɹ(n)]mai[∅s], então, te[ɹ(n)]ça e quinta eu não conseguia vim para a faculdade e aí eu estava falta[n∅dʊ] já quase um mês com essa professora. E aí eu cheguei um [dʒɪ]a, encontrei ela no corredor, assim eu falei assim: ah, escuta, você que é a profe [dʒɪ] XXXX. Daí ela virou assim pra mim e falou assim: profe? Não é profe, é professora, você chama o juiz de Juju? Isso daí eu fiquei assim, ué, mas como assim? Chama o juiz, tá lá? Então a gen[tʃɪ] tem que se da[ɹ(v)] valo[∅r(n)] e tal, e foi [tʃɪ]po um chacoalhão assim pra mim, assim já, mas eu achei muito válido e aí, quando na primeira vez… aí eu falei pra ela: na próxima aula sua eu vou tá e aí, [dʒɪ] fato, na outra aula dela, eu tava. Na hora que eu entrei ela já veio com uma pe[ɹ(n)]gunta assim pra mim. E eu falei assim, é, é aqui que eu, que eu tenho que esta[ɹ(v)]. Então, essa é uma situação muito posi[tʃɪ]va. Outra situação, acho que no grupo [dʒɪ] pesquisa que eu estou, estou pa[ɹ(v)][tʃɪ]cipa[n∅dʊ]. Não é? A gen[tʃɪ] foi convidado para escreve[∅r(v)] um livro. A gen[tʃɪ] que era até o[s] aluno[∅s], entendeu? Então isso foi bem bacana que daí eu pu[dʒɪ] pa[ɹ(v)][tʃɪ]cipa[∅r(v)] desse processo e como resultado disso, meu TCC acabou se[n∅dʊ] que meio que pa[ɹ(n)][tʃɪ] do livro, né? Então achei bem legal assim, sabe?

**Entrevistadora**: Interessante.

**Entrevistado**: Sim, então, assim tem, tem vária[s] situaçõe[∅s] assim que eu, eu acho que são bem, foram bem impo[ɹ(n)]tan[tʃɪ][∅s] assim. Duran[tʃɪ] a minha graduação, essa[s] são alguma[∅s].

**Entrevistadora**: Perfeito, é isso mesmo. Agora a gente vai para uma outra parte da nossa conversa, que a gente sabe que os estudantes nem todos são de Londrina, nem todos falam as coisas do mesmo jeito, né. Então, tipo, tangerina, mexerica, poncã, esse tipo de coisa. Então, eu vou ver um pouquinho sobre isso. Então, eu vou te dar uma descrição de um objeto, de uma ação. Cê me dá um nome.

**Entrevistado:** Tá.

**Entrevistadora:** Pode ser? Tipo coisa do cotidiano mesmo, coisa bem simples.

**Entrevistado:** Tá.

**Entrevistadora:** Pode começar?

**Entrevistado**: Po[dʒɪ].

**Entrevistadora:** O objeto com que se corta o tecido.

**Entrevistado:** [tʃɪ]soura.

**Entrevistadora:** Aquilo que se recosta a cabeça pra dormir na cama.

**Entrevistado:** Travesseiro.

**Entrevistadora:** Aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos na pia.

**Entrevistado:** A to[ɹ(n)]neira.

**Entrevistadora:** Para limpar o chão, o que que você precisa fazer?

**Entrevistado:** Varre[∅r(v)]

**Entrevistadora:** Perfeito. Sim. E uma refeição que se faz em geral às doze horas.

**Entrevistado:** Almoço.

**Entrevistadora:** A carne se come de garfo e faca. E a sopa se toma de...

**Entrevistado:** De colhe[ɹ(n)]

**Entrevistadora:** Um aparelho que é usado pra fazer vitaminas, suco.

**Entrevistado:** Liqui[dʒɪ]ficado[ɹ(n)]

**Entrevistadora:** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolinhas, como que se diz que ela está.

**Entrevistado:** Fe[ɹ(v)]ve[n∅dʊ].

**Entrevistadora:** O que que tem na água do mar que a gente também usa pra temperar a carne?

**Entrevistado:** O sal.

**Entrevistadora:** Aquilo vermelho que vende na feira e se usa para preparar molho de

macarrão.

**Entrevistado:** O toma[tʃɪ].

**Entrevistadora:** O que que dá sombra nas ruas, no campo, que tem um tronco, é verde.

**Entrevistado:** Á[ɹ(n)]vore.

**Entrevistadora:** O que que a abelha fabrica?

**Entrevistado:** O mel.

**Entrevistadora:** Um bichinho que voa e tem as asas bonitas, coloridas.

**Entrevistado:** Bo[ɹ(n)]boleta.

**Entrevistadora:** Um animal grande que tem uma tromba enorme.

**Entrevistado:** Um elefan[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Quando tudo fica escuro e as pessoas vão dormir essa é a?

**Entrevistado:** A noi[tʃɪ].

**Entrevistadora:** E o contrário de noite?

**Entrevistado:** O [dʒɪ]a.

**Entrevistadora:** E o que brilha no céu de dia.

**Entrevistado:** O sol.

**Entrevistadora:** No inverno faz frio. E no verão?

**Entrevistado:** Calo[∅r(n)].

**Entrevistadora:** Qual é o contrário de cedo?

**Entrevistado:** Tar[dʒɪ].

**Entrevistadora:** E o que que vem depois do número treze.

**Entrevistado:** O quato[ɹ(n)]ze.

**Entrevistadora:** Para ganhar dinheiro o que que você precisa fazer?

**Entrevistado:** Trabalha[∅r(v)].

**Entrevistadora:** Perfeito. Onde as crianças vão pra aprender a ler.

**Entrevistado:** Na escola.

**Entrevistadora:** Fazer assim em um papel. É o quê?

**Entrevistado:** É rasga[∅r(v)].

**Entrevistadora:** Isso. E qual é a cor do céu?

**Entrevistado:** Azul.

**Entrevistadora:** Qual o nome do nosso país?

**Entrevistado:** Brasil.

**Entrevistadora:** Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

**Entrevistado:** Pe[ɹ(n)]nambucano?

**Entrevistadora:** É isso mesmo. Quando alguém é acusado de alguma coisa mas ele não praticou aquela ação se diz que ele é o quê.

**Entrevistado:** Inocen[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Qual o contrário de errado?

**Entrevistado:** Ce[ɹ(n)]to.

**Entrevistadora:** Uma pessoa lhe conta um fato que você acha que não é verdade. Você diz que é uma?

**Entrevistado:** Uma men[tʃɪ]ra.

**Entrevistadora:** O que que a gente tem na boca que usa pra morder as coisas?

**Entrevistado:** Den[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Quando a pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão sem sentidos. O que que se diz que ela teve?

**Entrevistado:** Um [dʒɪ]smaio.

**Entrevistadora:** Eva foi a primeira...

**Entrevistado:** Mulhe[ɹ(n)].

**Entrevistadora:** O que que o irmão do seu pai é seu?

**Entrevistado:** [tʃɪ]o.

**Entrevistadora:** O que se diz de uma pessoa que mede um metro e noventa, dois metros?

**Entrevistado:** Alta.

**Entrevistadora:** O que que se usa no dedo?

**Entrevistado:** Anel.

**Entrevistadora:** E o que que se coloca no corpo pra ficar cheiroso?

**Entrevistado:** Pe[ɹ(n)]fume.

**Entrevistadora:** Quando a pessoa faz aniversário, o que que se costuma dar pra ela que vem embrulhado?

**Entrevistado:** Um presen[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Dá um abraço é abraçar e fazer assim.

**Entrevistado:** Beija[∅r(v)].

**Entrevistadora:** A pessoa que não está acordada ela está...

**Entrevistado:** Dormi[n∅dʊ].

**Entrevistadora:** Quando você está na rua e você quer pedir uma informação pra pessoa, o

que que você tem que fazer?

**Entrevistado:** Pergunta[∅r(v)].

**Entrevistadora:** Qual que é o contrário de entrar.

**Entrevistado:** Sai[∅r(v)].

**Entrevistadora:** Este é o meu lado direito. E esse?

**Entrevistado:** O esque[ɹ(n)]do.

**Entrevistadora:** Perfeito. E agora só umas últimas perguntas pra gente já terminar. Você falou que teve uma época da sua vida que você viajava bastante. Quando você viajava, as pessoas percebiam que você era de fora?

**Entrevistado**: Penso que sim.

**Entrevistadora:** Como que elas percebiam? Deixa eu só confirmar que tá gravando.

**Entrevistado**: Eu acho que principalmen[tʃɪ] do jeito [dʒɪ] eu fala[∅r(v)], é um pouquinho [dʒɪ]feren[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Entendi. E como cê consegue verificar que uma pessoa é londrinense como você?

**Entrevistado**: Vixi! Londrinense, exatamen[tʃɪ] londrinense, eu não sei. Assim, agora, né, a gen[tʃɪ] po[dʒɪ] te[ɹ(v)] ideia[s] assim se ela vai se[ɹ(v)] mais do sul, mais do no[ɹ(n)][tʃɪ], vai se[ɹ(v)] através do sotaque, da fala.

**Entrevistadora:** Entendi. E quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é de Londrina?

**Entrevistado**: Ah… quando é pra uma reli… uma região mais longe eu acho que é mais fácil [dʒɪ] pe[ɹ(v)]cebe[∅r(v)]. Agora quando é, [tʃɪ]po, ah, a pessoa é [dʒɪ] Maringá é mais [dʒɪ]fícil [dʒɪ] pe[ɹ(v)]cebe[∅r(v)], sabe?

**Entrevistadora:** Entendi. Então quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, cê percebe que ela é de fora pelo sotaque?

**Entrevistado**: Sim.

**Entrevistadora:** E quando você conversa com alguém, você presta atenção no jeito que a pessoa fala?

**Entrevistado**: Sim.

**Entrevistadora:** E tem algum sotaque do Brasil que você goste mais, tenha preferência, ache mais bonito?

**Entrevistado**: Sim, do No[ɹ(n)]des[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Por quê?

**Entrevistado**: Que eu acho que, não sei lá que puxa o R, mas e… é, também tem a questão do jeito [dʒɪ] fala[ɹ(v)] e também tem a questão [dʒɪ] te[ɹ(v)] uma banda que eu gosto bastan[tʃɪ], que é nação zumbi, eu gosto bastan[tʃɪ], eu gosto do jeito que o pessoal fala, assim, eu acho que é um jeito mais ha[ɹ(n)]monioso, sabe? É gostoso [dʒɪ] ouvi[ɹ(v)].

**Entrevistadora:** Perfeito. E tem algum te irrita, que não goste tanto, soe estranho para você?

**Entrevistado**: Ah, eu acho que não.

**Entrevistadora:** Nenhum?

**Entrevistado**: Não.

**Entrevistadora:** E como é que as pessoas, aqui de Londrina, falam?

**Entrevistado**: Ah, é [dʒɪ]fícil fala[ɹ(v)], é que, pra mim, ela[s] falam no[ɹ(n)]mal, sabe? Po[ɹ(n)]que eu sei que têm a[s] especificida[dʒɪ][∅s] da nossa região, sabe? É… mas assim eu não consigo [dʒɪ]sti… [dʒɪ]s[tʃɪ]ngui[∅r(v)], assim, se puxa muito o R, ou se puxa muito o S, se faz algo mais nasa … nasal ou menos. Mas, po[ɹ(n)] isso que eu falo, parece que a gen[tʃɪ] não tem, daqui [dʒɪ] Londrina, não tem tanto sotaque, sabe? Mas assim, se a gen[tʃɪ] fo[ɹ(v)] para qualque[∅r(n)] outro luga[ɹ(n)], o pessoal vai fala[∅r(v)] que a gen[tʃɪ] tem sotaque, sim.

**Entrevistadora:** Entendi. E você já passou por alguma situação constrangedora relacionada ao seu modo de falar ou ao seu sotaque?

**Entrevistado**: Vale?... é que uma vez eu fui pra A[ɹ(n)]gen[tʃɪ]na. Então daí quando a gen[tʃɪ] chega lá, a gen[tʃɪ] já fica naquele negócio assim “i Ai, agora la garantia soy yo!”. Então assim, e aí a gen[tʃɪ] vai tenta[n∅dʊ] fala[∅r(v)] o português, só que emenda com espanhol ali. Então, assim, e o pessoal sabe que a gen[tʃɪ] não é [dʒɪ] lá também. Então eu acho assim que, talvez, nesse… nesse[s] momento[∅s] assim, sabe?

**Entrevistadora:** Entendi. Tem alguma situação, que seja viagem, passeio, né, em algum lugar fora de Londrina ou mesmo aqui na universidade você já modificou a sua forma de falar para adaptar ao modo de falar das pessoas que você estava.

**Entrevistado**: Sim. Já sim, igual foi na A[ɹ(n)]gen[tʃɪ]na. Teve esse… bem ma[ɹ(v)]cado assim.

**Entrevistadora:** Perfeito. E você sente vergonha ou orgulho da sua forma de falar ou para você isso é irrelevante?

**Entrevistado**: Olha, hoje em [dʒɪ]a eu acho que eu tenho mais o[ɹ(n)]gulho, mas já foi algo assim que eu [tʃɪ]ve que trabalha[∅r(v)] muito. Questão [dʒɪ] oralida[dʒɪ], eu [tʃɪ]ve que pensa[∅r(v)] muito assim po[ɹ(n)]que é, igual eu falei, eu sou professo[∅r(n)] [dʒɪ] taekwondo. Então muita[s] veze[∅s] eu queria fala[∅r(v)] alguma coisa, eu falava e a pessoa não enten[dʒɪ]a. Daí eu penso que… ou às vezes é po[ɹ(n)]que eu falava rápido, falava baixo. Então, fui aprende[n∅dʊ] que, né, a gen[tʃɪ] tem que controla[∅r(v)], é, a velocida[dʒɪ] da fala, é, o tempo [dʒɪ] pausa, o [tʃɪ]mbre. Então, são vário[s] fatore[∅s] assim que a gen[tʃɪ] tem que controla[∅r(v)], né? Até questão [dʒɪ] vocabulário também, para se to[ɹ(v)]na[∅r(v)] mais compreensível ou não, né. Então hoje em [dʒɪ]a eu gosto do jeito que eu falo, mas já foi um problema, sim.

**Entrevistadora:** Entendi, perfeito, última coisa que vou lhe pedir pra você ler esse texto em voz alta, tá, quando você quiser. Daí eu te libero, tá bom?

**Entrevistadora:** Tá.

**Entrevistado:** Parábola dos se[tʃɪ] vime[s]. Era uma vez um pai que [tʃɪ]nha se[tʃɪ] filho[s]. Quando estava para morre[∅r(v)] chamou-os a todos e depois [dʒɪ] te[ɹ(v)] olhado inquieto e tris[tʃɪ]men[tʃɪ] para o céu [dʒɪ]sse-lhes. Já não ten[dʒɪ]s mãe e eu sei que não posso dura[ɹ(v)] muito. Mas an[tʃɪ]s [dʒɪ] morre[∅r(v)] desejo que cada um [dʒɪ] vós me vá busca[∅r(v)] no campo do moinho um vime seco. Eu também? Pe[ɹ(v)]guntou o mais novo. O garoto esbelto de quatro anos que estava inocen[tʃɪ]men[tʃɪ] brinca[ndʊ] ao sol com duas moeda[s] num velho chapéu de feltro. Tu também, [tʃɪ]ago. Quando os filhos voltaram com os vime[s], o pai pe[dʒɪ]u ao meno[ɹ(n)] dele[s]. Quebra esse vime. Ao ouvi[ɹ(v)] isto, o pequeno pa[ɹ(v)][tʃɪ]u o vime sem nada lhe custa[∅r(v)]. Agora pa[ɹ(v)][tʃɪ] o[s] outro[s], um a um. O menino obedeceu. Trazei-me todo[s] outro vime! To[ɹ(v)]nou o pai logo que viu o menino pa[ɹ(v)][tʃɪ][∅r(v)] o úl[tʃɪ]mo sem [dʒɪ]ficulda[dʒɪ] alguma. Quando o[s] rapaze[s] apareceram [dʒɪ] novo, enfeixou os se[tʃɪ] vime[s] solto[s], ata[n∅dʊ]-o[s] com o fio. Toma es[tʃɪ] feixe, Paulo, pa[ɹ(v)][tʃɪ]-o. O[ɹ(v)]denou o pai ao filho mais velho, o homem mais valen[tʃɪ] da cida[dʒɪ]. Ve[ndʊ] que já lhe doíam a[s] mão[s] [dʒɪ] tanto se esfo[ɹ(v)]ça[∅r(v)] po[ɹ(n)] pa[ɹ(v)][tʃɪ][∅r(v)] o feixe acrescentou: não fos[tʃɪ] capaz, o osso é duro [dʒɪ] roe[ɹ(v)]. Não, senho[ɹ(n)], não fui, e já me doem a[s] mão[s], respondeu o moço. Todo[s] o[s] outro[s] tentaram em vão. Se fossem mil vime[s] em vez [dʒɪ] se[tʃɪ], pio[ɹ(n)] seria, exclamou o pai. Que[ɹ(n)] sejam vime[s] ou coraçõe[s], lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se es[tʃɪ]ve[ɹ(v)][dʒɪ]s sempre unido[s] ninguém vos fará mal. Ao acaba[∅r(v)] [dʒɪ] [dʒɪ]zer isto morreu. Fiéi[s] ao bom conselho pate[ɹ(n)]no até o fim da vida foram sempre felize[s] e fo[ɹ(n)][tʃɪ][s] como leõe[s] o[s] se[tʃɪ] i[ɹ(n)]mão[s] desta história.